

COLÓQUIO, REVISTA DE ARTES E LETRAS

CRIADA em 1959, tendo como primeiros directores Reynaldo dos Santos, Hernâni Cidade e Bernardo Marques, *Colóquio, Revista de Artes e Letras*, publicou 61 números até ao final de 1970. Depois do falecimento de Bernardo Marques em 1962, a orientação gráfica da revista foi confiada, entre os números 21 a 41, a Vespeira, e do n.º 42 para diante, a Fernando de Azevedo. Em 1970, ano que corresponde aos seus últimos números, a direcção artística da publicação é partilhada por Reynaldo dos Santos — que desaparece nesse ano e é homenageado no n.º 59 — e José-Augusto França, enquanto que na direcção literária, a par do nome de Hernâni Cidade, passa a figurar o de Jacinto do Prado Coelho.

Mais do que enunciar um programa editorial, o texto que abre a série, «Primeiro Colóquio», oferece-se como uma carta de intenções, na qual, para além de a publicação se afirmar como «pautada pelas directivas essenciais de todas as actividades da Fundação», se vê, «sem dependências de escolas, de sectarismos ou de proselitismos», como «um espelho da sociedade do nosso tempo», onde poderão conviver «velhos e novos, antigos e modernos, conservadores e reformadores, tradicionalistas e inovadores», desde que animados pelos mesmos propósitos de «tolerância, paz, mútuo e recíproco respeito». Vincando bem o carácter de não-especialização da revista, a direcção vê-a definidora «das coordenadas espirituais da Lusitanidade, da posição da inteligência portuguesa perante os mais transcendentos problemas da hora mundial e afirmando, uma vez mais, o génio precursor e universalista que foi em séculos passados característica essencial da nossa cultura».

Esta intenção de abertura, tolerância, diversidade, não-especialização, acompanhamento da actualidade e vinculação aos aspectos precursores e universalistas do espírito português reflecte-se, desde logo, quer no vastíssimo leque de matérias tratadas quer no número e diversidade dos colaboradores portugueses e estrangeiros acolhidos pela revista. Pode dizer-se que a *Colóquio* se dedicou, tanto no âmbito nacional quanto no internacional, do ponto de vista histórico e numa

perspectiva actual, à inventarição, descrição, análise, investigação e divulgação de matérias respeitantes, no campo das artes, à arquitectura, à pintura, à escultura, às artes decorativas, à música, ao teatro, ao bailado, ao cinema, e, no das letras, à literatura, à história, à filosofia e às respectivas teorizações.

No campo do estudo e divulgação do património artístico em Portugal, devem começar por referir-se os artigos dedicados a colecções privadas (a de Alfredo Guimarães, a de Dulce e Eduardo Malta, a de Abel de Lacerda, a dos Viscondes de Asseca), a diversos museus (o de Alpiarça, o de Setúbal, o de Soares dos Reis, no Porto, o de Grão-Vasco em Viseu, o de Alberto Sampaio em Guimarães, o de Viana do Castelo, o de Marinha), e ainda os textos sobre as escavações em Conímbriga, o Convento de Santa Cruz em Lamego, a Sé de Viseu, a iconostase da capela visigótica de São Gião ou a vila de Marialva, cuja conservação é proposta de forma inovadora por Francisco Keil do Amaral.

A esta série de artigos sobre conjuntos patrimoniais portugueses corresponde outra, relativa a instituições e conjuntos patrimoniais no estrangeiro: textos sobre galerias de Arte em Veneza e Génova por Marianna Gallotti Minola, museus franceses por Raymond Warnier (Museu de Arte Moderna de Paris, Museu de Belas-Artes de Pau, Museu de Lille, Fundação Maeght em Saint-Paul-de-Vence, Palácio Beauharnais em Paris), sobre colecções de arte e museus ingleses (Houghton Hall, galeria do Palácio de Buckingham, National Portrait Gallery), sobre o museu holandês de Haarlem, o museu Picasso em Barcelona e cinco museus de Nova Iorque. É de realçar que tanto o texto sobre a Fundação Maeght como aquele, de Roland Penrose, sobre «O Museu Novo ou a Necessidade de Centros de Arte» podem ser vistos como expondo projectos paralelos ao que a Fundação Gulbenkian edificava em Lisboa. Por outro lado, e em relação a conjuntos patrimoniais, há textos sobre o restauro dos frescos do Campo Santo de Pisa, os três Templos gregos de Paestum, o património artístico búlgaro, os Templos da Núbia, por Ruben Andresen Leitão, sobre Ani, cidade em ruínas da antiga Arménia, sobre Thydrus, na Tunísia, e sobre o património mexicano.

Ainda neste âmbito, mas no encalce de património português em territórios extra-europeus, ou da sua influência no património local, se inserem artigos sobre o Museu de Arte Sacra da Bahia, o Museu de Arte Negra do Dundo, em Angola, sobre arquitectura indo-portuguesa, bem como sobre o trabalho de arquitectos e artistas

portugueses na América espanhola (com relevo para as catedrais de Lima e de Montevideu), em três textos assinados pelo Marqués de Lozoya.

Sobre artes plásticas portuguesas anteriores ao século XX há poucos estudos: um deles, de Reynaldo dos Santos, debruça-se sobre «A Paisagem e o Naturalismo dos Segundos Planos dos Primitivos Portugueses»; o mesmo historiador identifica como sendo de Gregório Lopes um retrato da Infanta Dona Maria e, noutro artigo, disserta sobre a pintura existente nas igrejas e conventos mandados edificar pela rainha Dona Leonor. De Flávio Gonçalves é um trabalho sobre a destruição, por ordem da Inquisição, de tábuas existentes na antiga igreja de Santa Justa, em Lisboa, e na matriz da Caparica. A propósito de uma exposição em Óbidos, Matos Sequeira examina a obra de Josefa de Ayala; a pretexto de um óleo pertencente à família de Falcão Trigoso, Armando de Lucena recorda Vieira Lusitano; quando da exposição, no Grémio Literário, de telas pertencentes à família Palmela, José-Augusto França traça o percurso biográfico e artístico de Domingos António de Sequeira. No domínio da arquitectura, João de Castilho é descoberto a trabalhar além-Douro; no da escultura, Reynaldo dos Santos, atribui a José de Almeida uma estátua em madeira pertencente ao comandante Vilhena.

Há também estudos especializados sobre obras de arte estrangeira em Portugal, e sobre pinturas de origem nacional noutros países. As primeiras pertencem todas ao espólio do Museu Nacional de Arte Antiga: sobre «O Apostolado de Zurbarán» escreve Reynaldo dos Santos; o grande tríptico de Pierre Coeck d'Alost, única obra seguramente atribuível ao pintor flamengo, vê-se longamente examinado pelo belga Georges Marlier; o «Casamento Místico de Santa Catarina» é identificado como o original de Murillo por Luís Reis-Santos. O mesmo estudioso reivindica a autoria de Gregório Lopes para uma «Adoração dos Magos» existente na igreja de Bourg-Saint-Andéol, em França, ao passo que José Gudiol inventaria e analisa a obra de Pedro Nunes na Catalunha.

Colaboradores espanhóis, italianos e franceses dão uma muito consistente colaboração no domínio da história das artes plásticas: José Camón Aznar percorre a obra escultórica de Berruguete e oferece um extraordinário ensaio sobre o espaço em Velázquez; Juan Antonio Gaya Nuño disserta sobre «Evas e Vénus da Arte Espanhola» e sobre a «Natureza Viva na Pintura Espanhola», para além de inserir nas páginas da revista um notável artigo sobre as obras de Rembrandt em Espanha; José Gudiol publica artigos acerca da primeira obra importante de Goya e sobre esboços

inéditos do pintor para cartões de tapeçaria. Provindos de Itália, sobre Carpaccio (a propósito de uma exposição para a qual a Fundação emprestou a «Sagrada Família e Doadores»), há textos de Pietro Zampetti e de Giulio Carlo Argan; ainda do primeiro, um artigo sobre os irmãos Guardi e, do segundo, dois magníficos ensaios: «Miguel Ângelo na Capela Paulina» e «Borromini e Bernini». Germain Bazin escreve sobre Caravaggio, René Huyghe sobre Delacroix e Juan Antonio Gaya Nuño enraíza na Península Ibérica a pintura de Toulouse-Lautrec.

Pintura italiana e francesa é também historiada por José-Augusto França, sobretudo a propósito de grandes exposições: é o caso dos «Vedutisti» venezianos de 700, de Poussin, de Ingres e de Henri Rousseau. Pode, aliás, obter-se na *Colóquio* muita informação relativa a mostras internacionais levadas a cabo pelo Conselho da Europa: «O Século do Rococó» (Munique, 1958), «O Movimento Romântico» (Londres, 1959), «As Fontes do Século XX, as Artes na Europa de 1884 a 1914», (Paris, 1960/61), «A Arte Românica» (Barcelona e Santiago de Compostela, 1961).

As grandes figuras das artes plásticas novecentistas, sobretudo até meados do século e girando em grande parte em torno de Paris, são alvo de estudos pormenorizados, frequentemente a propósito de retrospectivas ou falecimentos: Braque, Picasso, Matisse, Chagall, Klee, Modigliani, André Masson, Bissière, Hans Harp, Alberto Giacometti, Jean Bazaine constituíram matéria de análise para José-Augusto França, tal como Braque e Picasso para André Chastel, Klee para Eduardo Lourenço, Maillol, Robert et Sonia Delaunay para Bernard Dorival, Miró para Raymond Warnier, Oskar Kokoschka para J. P. Hodin, Zadkine para Henry Galy-Carles; relativamente a Inglaterra, Alan Bowness perspectiva «As Modernas Correntes da Pintura Inglesa» e, sobre pintura moderna espanhola, José Camón Aznar debruça-se sobre Solana, Quirino Teixeira sobre «A Pintura Informalista Catalã e Castelhana», recenseando Juan Antonio Gaya Nuño um razoável número de artistas no artigo «La pintura española actual».

Dos movimentos artísticos mais recentes, dá também conta aos leitores da revista José-Augusto França, ao noticiar criticamente as cinco Bienais de Veneza realizadas entre 1960 e 1970, as de São Paulo e de Paris de 1959, 1961 e 1965. O mesmo estudioso assistirá à 6.^a e última Bienal de San Marino (1967), organizada pelo Prof. G. C. Argan, e que, sendo temática — «Novas Técnicas da Imagem» — e transversal aos países, acaba por corresponder às críticas que vinha tecendo às outras, organizadas a partir de representações nacionais.

Exposições estrangeiras em Portugal, salvo raras excepções, são iniciativa do Secretariado Nacional de Informação ou patrocinadas pela Fundação Gulbenkian e, para o fim do período em questão, de sua iniciativa. Críticas mais desenvolvidas apresenta a revista às colectivas «10 Anos de Pintura Italiana no SNI» (n.º 1), «Vinte Anos de Pintura Espanhola no SNI» (n.º 3), «Exposição de Arte Moderna Brasileira no SNI» (n.º 10), «Arte Britânica do Século XX na SNBA», patrocinada pela Fundação (n.º 18), «Arte da América e Espanha. Exposição no SNI» (n.º 28), «Um Século de Pintura Francesa», exposição trazida pela Fundação e organizada por Germain Bazin (n.º 33), «45 Anos de Arte Belga. Exposição no SNI» (n.º 38), «Arte Contemporânea Italiana» na Galeria de Exposições da Gulbenkian (n.º 39), «Exposição de Pequenos Bronzes Italianos», já na sede da Fundação (n.º 59), para além de três exposições de gravura: na SNBA, «Gravura Contemporânea na Itália», (n.º 3), «9 Gravadores Brasileiros» (n.º 27) e na galeria Gravura, «Slade School. Um Ano de Gravura» (n.º 27). O panorama de individuais é bastante pobre: no SNI, Henry Moore, Roault (*Misere*), André Jacquemin e Emilio Greco; na SNBA, a brasileira Isabel Pons, na Gravura, Jiri Kolar. A arquitectura no estrangeiro foi tema de duas exposições na SNBA: «Arquitectura Inglesa de Hoje», organizada pelo British Council e o Sindicato dos Arquitectos (n.º 24) e «Exposição das Novas Igrejas na Alemanha» (n.º 29); «Gaudì e a Arquitectura Actual» foi tema tratado por Nuno Portas no n.º 34, Pedro Vieira de Almeida publicou, no n.º 35, «Le Corbusier — Um Arquitecto Coerente» e o n.º 38 insere um artigo sobre «A Arquitectura Alemã».

Em relação às artes plásticas portuguesas de finais do século XIX até ao ano de 1970, há abundante crítica e informação em artigos sobre António José da Costa, Marques d'Oliveira, Francisco Franco, António Ramalho, Carlos Reis, Aurélia de Sousa, António Carneiro, Columbano, Agostinho Salgado, Carlos Carneiro, Diogo de Macedo e Abel Salazar; os modernistas são estudados com algum detalhe e sob diversas perspectivas críticas: é o caso de Amadeo de Souza-Cardoso, redescoberto em 1959 (artigos de José-Augusto França e de Flávio Gonçalves, o último sobre os anos de Paris e o convívio com Manuel Bentes); de Eduardo Vianna (em artigos de Fernando Pernes, Fernando de Azevedo, Manuel Mendes, Reynaldo dos Santos e José-Augusto França); e é finalmente o caso de Almada Negreiros, a quem é dedicado um dos dois números monográficos que a revista editou, focando tanto o escritor (textos de Fernando Guimarães, Eduardo Prado Coelho, Luís Francisco Rebello) como o artista (textos de Fernando Pernes, José-Augusto França e Ernesto de Sousa).

Analisadas são obras de artistas da mesma geração de alguma forma relacionados com o modernismo como Jorge Barradas (textos de Artur Maciel, Fernando Pernes e Manuel Mendes), António Soares, Francisco Smith (comovidamente evocado por Jorge Barradas e por Manuel Mendes), Dordio Gomes (avaliado de formas quase opostas por Manuel Mendes e Fernando Pernes). Carlos Botelho (com críticas de Artur Maciel, Manuel Mendes e Rui Mário Gonçalves) e Bernardo Marques (cuja obra como ilustrador é lembrada por Manuel Mendes e Fernando Pernes, sendo também objecto de estudo de José-Augusto França e Fernando Guedes), dois artistas plásticos com vasta obra gráfica, são estudados em bom número de páginas da revista que não esquece Milly Possoz ou Fred Kradolfer (evocado por José Gomes Ferreira).

Relativamente aos artistas activos nas décadas de 40 a 70, a *Colóquio* apresenta, por um lado, curiosos documentos tendentes à constituição da história do surrealismo e da do abstraccionismo em Portugal (em artigos sobre o 1.º Salão de Arte Abstracta, sobre a Galeria de Março, sobre António Pedro e António Dacosta e sobre a exposição surrealista de 1959) e, por outro, dá cerrada cobertura ao movimento de exposições de artes plásticas. Os anos 60 são, em Portugal, uma época de grande renovação e inovação, devidas, entre outros factores, às condições políticas, levando à emigração de muitos artistas, e à acção da Fundação Gulbenkian, com a concessão de bolsas de estudo no estrangeiro, aquisição de obras e organização e apoio a exposições. A matéria publicada pela *Colóquio* torna-se relevante, por um lado, por fornecer muitos dados relativos a instituições (declínio do SNI, movimentação renovadora na SNBA, multiplicação de galerias privadas) e, por outro, por permitir seguir o percurso quer de artistas vindos de décadas anteriores — como Artur Bual, Fernando de Azevedo, Fernando Lanhas, Fernando Lemos, José Júlio (que morre em 1963), Nuno Siqueira, Vespeira —, e especialmente daqueles com intensa actividade nesses anos — como Cruzeiro Seixas, Júlio Pomar, João Abel Manta, João Hogan e Jorge Vieira — ou daqueles cuja obra sofre profundas mutações na década em questão — como é o caso de Areal, Carlos Calvet, Charrua, Joaquim Rodrigo, Menez e Sá Nogueira; do mesmo modo, a revista acompanha *pari passu* a actividade daqueles que se revelam plenamente na década — como Costa Pinheiro, João Vieira, José Escada e os outros membros do grupo *KWY*, Manuel Baptista, Paula Rego, Eduardo Nery (que apresenta nas páginas da revista um interessante artigo sobre Jean Luçart, transcrevendo magníficas passagens da sua autobiografia), Nikias Skapinakis, Artur Rosa, Eurico Gonçalves, Helena Almeida, Eduardo Luís, João Cutileiro, José

Rodrigues — e mostra-se atenta à novidade das obras de autores como António Sena, Noronha da Costa, António Palolo, Jorge Martins, Ana Vieira, Álvaro Lapa, Eduardo Batarda ou Fernando Calhau, não esquecendo artistas radicados no Porto como Jorge Pinheiro e Ângelo de Sousa, ou em Paris, como Manuel Cargaleiro e Vieira da Silva. Aliás, é notório o cuidado com que José-Augusto França vai assinalando o percurso da pintora, a quem virá a ser dedicado um número monográfico em Abril de 1970, precedendo a grande exposição que a Fundação Gulbenkian organizou nesse ano.

A descrição de uma das primeiras mostras levadas a cabo pela instituição, «Exposição Evocativa da Rainha D. Leonor no Mosteiro da Madre de Deus» (1958) patenteava bem o interesse da *Colóquio* pelo capítulo das artes decorativas, que nela virão a ter amplo acolhimento, no que respeita tanto ao património abrigado no país como àquele disperso pelo estrangeiro e, sobretudo, ao resultado, nessa área, do contacto e miscigenação com culturas de outros continentes. Podem assim assinalar-se artigos sobre joalharia de Reynaldo dos Santos e Irene Quilhó (identificação de peças antigas portuguesas no estrangeiro), de Juan Ainaud e de Luís Reis-Santos (marfim e bronzes de arte afro-portuguesa) e de Robert Smith, que compara as «sacras» de Singeverga com a arquitectura e a talha contemporâneas, revelando-se neste artigo, como noutros, de investigação, sobre trabalho em madeira em Portugal e no Brasil, um dos mais fascinantes colaboradores da revista. Sobre a mesma matéria podem ler-se textos a respeito do coro da catedral de Évora, sobre obras de Luis de Chiari, figuras de presépio portuguesas em Madrid e, de forma geral, abordagens em todos os relatos de congressos e colóquios sobre arte luso-brasileira. Precisamente a azulejaria nos dois países é tópico de muito interesse focado por Santos Simões, enquanto que a cerâmica em Portugal é tratada por Artur de Sandão e Campos e Sousa e o vidro por Silva Lopes e Claude Sibertin-Blanc, autor das novas placas de vidro da igreja lisboeta de São Luís dos Franceses. Quanto à tapeçaria, para além dos contributos contemporâneos de Jean Luçart e de Eduardo Nery, a origem persa dos tapetes de Arraiolos é motivo de reflexão para Reynaldo dos Santos, oferecendo ainda Bruno Thomas a descrição de dez tapeçarias do Museu de História de Arte de Viena de Áustria, cujo desenho atribui a Pieter Cooke e que relatam o triunfo de D. João de Castro na Índia. A influência portuguesa no Oriente é tratada em minuciosos artigos de Bernardo Ferrão sobre arte indo-portuguesa e num texto de autor japonês sobre os biombos *nambam*, ao passo que as descrições das colecções de Vítor Bandeira de arte

negra e de arte dos Índios do Brasil remetem para a arte original de zonas que os portugueses ocuparam.

Das chamadas artes de espectáculo, a música tem predominância muito significativa na revista *Colóquio*: o n.º 24, de Julho de 1963, é-lhe quase inteiramente dedicado, abrangendo, além de rubricas habituais na publicação, como sejam a cobertura da actualidade e a homenagem a figuras maiores — neste caso, o maestro Pedro de Freitas Branco, por ocasião do seu falecimento —, artigos sobre pesquisa de música antiga impressa, por Mário de Sampayo Ribeiro, sobre instrumental popular português por Ernesto Veiga de Oliveira (que efectuou a recolha desse património patrocinada pela Fundação), sobre música folclórica por Fernando Lopes Graça, sobre o ensino regular da música em vários países europeus, e ainda três textos acerca da relação entre música e literatura. Mas, ao longo dos outros 60 números editados, a música é uma presença constante: no que concerne à realização de espectáculos (João de Freitas Branco apresenta críticas aos Festivais de Música Gulbenkian, do II ao XIII — sendo o XIV analisado por José Blanc de Portugal —, a récitas de ópera, às temporadas de concertos promovidos pela Câmara de Lisboa, pelo Círculo de Cultura Musical, pela Sociedade de Concertos, ao Festival de Música de Sintra, Teolinda Gersão Moreno compara a ópera *The Fairy Queen*, de Purcell, com a peça de Shakespeare que lhe está na origem); no que respeita à realização de exposições (Mário de Sampayo Ribeiro comenta a de instrumentos de música antiga, no n.º 15, e Humberto d'Ávila a mostra comemorativa do centenário de Debussy, no n.º 21); em abordagens de aspectos históricos (Rameu, Telemann, Wagner, e, em relação ao nosso país, para lá da evocação de figuras como as de Vianna da Motta e Cláudio Carneiro, dois artigos sobre o século XVIII em Portugal, sendo de salientar aquele assinado por José Blanc de Portugal); na crítica a edições musicais impressas e em disco, e, sobretudo, em textos que podem ser chamados de diagnóstico e programáticos de João de Freitas Branco (preconizando a criação de uma boa orquestra, a descentralização tanto na realização de espectáculos quanto no apoio ao ensino e divulgação, o ensino da música às crianças, a ressurreição de partituras e a encomenda de novas obras), de Filipe de Sousa (sobre a criação de grupos de ópera de câmara) e de Humberto d'Ávila (sobre festivais).

Quanto ao bailado, há também — mas com muito menos frequência do que em relação à música — artigos que se reportam às temporadas, da autoria de José Estêvão Sasportes e Tomaz Ribas, artigos programáticos (sobre a inclusão da dança no

currículo escolar normal) e artigos de informação: sobre a companhia do London's Festival Ballet, sobre um seminário realizado na Dinamarca, sobre a companhia de Merce Cunningham e sobre uma exposição em Estrasburgo, organizada pelo Conselho da Europa e tendo como temática os *Ballets Russes* de Serge Diaghilev.

O texto teatral, alvo de algumas recensões críticas inseridas na secção de Bibliografia, é tratado por Claude-Henri Frèches (focando aspectos do drama neolatino em Portugal), por Urbano Tavares Rodrigues (Jean Anouilh e Bernardo Santareno) e Luiz Francisco Rebello (Pirandello e Almada). Jorge de Sena escreve um veemente artigo em defesa do Teatro Experimental do Porto e do seu director, António Pedro, que colabora na revista propondo o espaço cénico do teatro popular para a representação das peças de Gil Vicente. O teatro do autor quinhentista, comparado por Armando Martins Janeiro ao teatro tradicional japonês está na origem de uma das raras polémicas travadas na publicação — com Teolinda Gersão Moreno. A actualidade do palco é relatada em 59 por Urbano Tavares Rodrigues e em 69 e 70 por Luiz Francisco Rebello, ressaltando do último texto produzido por este especialista a abundância de encenações de peças portuguesas, certamente fruto da chamada «Primavera marcelista». Embora aparecendo com grandes intervalos, artigos sobre cinema também são incluídos nestas páginas: Rodrigues Miguéis escreve sobre Charles Chaplin, António Pedro Vasconcelos sobre *O Leopardo*, de Visconti, Dinis Machado sobre Fellini e cinema japonês, Seixas Santos sobre *Pierrot, le fou*, de Godard. Na rodagem de um documentário sobre Almada Negreiros baseia-se um artigo de Ernesto de Sousa, estreando-se Carlos de Pontes Leça em *Colóquio* com uma reflexão sobre «Grandezas e Misérias da Crítica Cinematográfica».

A componente literária da revista é constituída, em cada número, por textos inéditos de escritores contemporâneos, de poesia e de prosa, por ensaios e apontamentos ensaísticos tendo como objecto autores nacionais e estrangeiros, ou sendo reflexões de ordem da teoria literária e da filosofia, por uma nutrida secção de bibliografia e ainda por um vasto conjunto de Cartas de outros países em que as letras e o seu ensino têm papel primacial.

O conjunto dos textos de criação contém produção inédita de mais de cem autores de língua portuguesa (incluindo o galego Ernesto Guerra da Cal) e uma ou outra tradução de poesia. É um vasto acervo, de qualidade irregular, onde sobressaem, quer pelo número de peças, quer pelo elevado nível, as contribuições de Miguel Torga

(nas páginas da *Colóquio* insere «São Leonardo de Galafura», um dos seus mais notáveis poemas), de Sophia de Mello Breyner Andresen (entre a produção que aqui dá à estampa é justo salientar «Homero»), José Régio (o qual, falecendo em 1969 é alvo de uma sentida homenagem no n.º 57, de Fevereiro de 1970), Natércia Freire, Vitorino Nemésio, Tomaz de Figueiredo (que publica um bem-humorado e notável texto sobre «Viúvas e Gatas Reminiscadas), Cabral do Nascimento, Armindo Rodrigues, Agustina Bessa-Luís, Ruben A., António Ramos Rosa, Ruy Cinatti, David Mourão-Ferreira e Alberto de Lacerda. Embora só com uma colaboração, lembrem-se igualmente os nomes de João de Araújo Correia, Domingos Monteiro, Vergílio Ferreira (que, a par deste único conto, publica vários artigos de reflexão filosófica e literária), Maria Judite de Carvalho, Fausto Lopo de Carvalho, Luísa Dacosta, Isabel da Nóbrega — todos eles publicando prosa —, e os de Mário Beirão, António Gedeão, Raul de Carvalho, Luís Amaro, Eugénio de Andrade, António Manuel Couto Viana, Mário Cesariny, Alexandre O'Neill (que imprime o então chamado «Soneto de Vestíbulo n.º 3» e que começa «Daqui, desta Lisboa...»), Ruy Belo — para a poesia. De outra colaboração, devem salientar-se os contributos dos brasileiros Manuel Bandeira, Cyro dos Anjos, Odylo Costa Filho, Armindo Trevisan e do cabo-verdiano Baltazar Lopes.

Os autores activos nesta década não são matéria para grande número de ensaios ou apontamentos ensaísticos, com algumas excepções: Miguel Torga, a quem são dedicados três artigos (um deles de Ruben A., saudando os 25 anos de *Bichos*), Vitorino Nemésio (estudado por Maria de Lourdes Belchior e por David Mourão-Ferreira), Branquinho da Fonseca, Agustina Bessa-Luís (em subtil texto de Eduardo Lourenço) e Bernardo Santareno. Para além de Almada Negreiros e de José Régio, cujas homenagens já foram referidas, a revista insere dois belos textos a propósito das mortes de António Sérgio (por Hernâni Cidade) e de Tomaz de Figueiredo («Um Abraço na Despedida», de David Mourão-Ferreira). Em contrapartida, a literatura da primeira metade do século XX é amplamente estudada, a começar por Fernando Pessoa, de que a revista publica no seu número 13, de Abril de 61, seis sonetos inéditos de 1909, importantes na medida em que traçam a génese do filão abúlico e céptico do poeta, cuja adolescência na África do Sul começa aqui a ser desvendada por Alexandrino Severino e Hubert Jennings. Também na *Colóquio* se encontram textos de importantes pessoanos focando aspectos que virão depois a ser muito desenvolvidos: o nacionalismo (Jacinto do Prado Coelho), o esoterismo (Georg

Rudolf Lind), a internacionalização (Maria Aliete Galhoz), a ancoragem na literatura inglesa (Alexandre Severino), a relação com Mário de Sá-Carneiro (Teresa Rita Lopes e David Mourão-Ferreira). Sá-Carneiro é, aliás, estudado em artigos de Dieter Woll e de Maria Helena Cidade Moura, sobressaindo igualmente um artigo de Urbano Tavares Rodrigues sobre M. Teixeira-Gomes, outro de Martins Janeiro sobre Wenceslau de Moraes e ainda Florbela Espanca vista por Maria Aliete Galhoz.

Dos raríssimos estudos sobre literatura medieval há que salientar o de Luís Filipe Lindley Cintra sobre a edição crítica da obra de Fernão Lopes e uma apaixonante análise da *4.ª Crónica Breve de Santa Cruz* por António José Saraiva, que, aliás, assina dois dos mais entusiasmantes trabalhos ensaísticos da *Colóquio*: um onde expõe a sua visão de Camões e outro incide sobre o Barroco em Portugal. Gil Vicente e Camões são dos autores a que mais especialistas dedicam a sua atenção crítica, mas quase sempre focando um pormenor das respectivas obras. Distinguem-se, nesta área, os trabalhos de Hernâni Cidade e Américo da Costa Ramalho. Da mesma época, António Ferreira e Sá de Miranda são estudados respectivamente por Jacinto do Prado Coelho e André Crabé Rocha. É muito significativo na revista o contributo desta última, nomeadamente no campo da epistolografia: analisa a de Francisco Rodrigues Lobo, a de José Agostinho de Macedo e a de Almeida Garrett. Da época barroca ressaltam trabalhos sobre Dom Francisco Manuel de Melo, de José van den Besselaar sobre a *História do Futuro* do Padre António Vieira e um artigo de grande originalidade de Coimbra Martins sobre «Manuel Bernardes e o Quietismo». Matias Aires e Luís António Verney são matéria de ensaio para Jacinto do Prado Coelho e António Alberto de Andrade, que também historia uma polémica sebástica, sendo um dos contendores José Agostinho de Macedo. Bocage, cujo centenário do nascimento ocorreu em 1965, é evocado por Hernâni Cidade e Murilo Mendes. Dos autores oitocentistas, Eça de Queirós é alvo do maior número de estudos, devendo salientar-se os de Helena Cidade Moura a propósito da edição das obras do autor de *O Crime do Padre Amaro*, um do holandês Marcus De Jong sobre a contemplação do firmamento em vários livros do escritor e aquele que assinala a saída da bibliografia queirosiana de Ernesto Guerra Da Cal. A figura de Eça de Queirós aparece ainda num dos excelentes textos de índole biográfica sobre António Nobre assinados por Guilherme de Castilho. «Perfis meio-apagados» intitulava-se uma rubrica da autoria de José Osório de Oliveira (que faleceu em 1964), na qual, para além de serem lembrados nomes esquecidos da literatura de oitocentos e do início do século XX

(Conde de Ficalho, Eduardo Barros Lobo, «Beldemónio», Jaime de Magalhães Lima e Manuel da Silva Gaio), nos aparecem os de dois vultos de primeira plana com uma ligação efectiva a Portugal: o espanhol Ramón Gómez de la Serna e o francês Valery Larbaud. E há efectivamente na *Colóquio* uma forte tendência para a contextualização internacional da nossa literatura, visível nos artigos sobre Lope de Vega e seus contemporâneos portugueses, nas comparações de Teixeira-Gomes com Montaigne ou Raul Brandão com Proust, num artigo sobre as leituras portuguesas de Goethe ou na prospecção das ligações de Rabindranath Tagore com a Renascença Portuguesa e a *Seara Nova*.

O ensaísmo aqui presente não se limita à literatura nem aos autores portugueses. A revista comporta outras dimensões: uma de reflexão sobre a criação literária e artística — em textos de Eduardo Lourenço, Vergílio Ferreira, António Ramos Rosa, Alberto Ferreira ou Eduardo Prado Coelho —, outra de teoria da literatura — com contribuições de David Mourão-Ferreira, Aguiar e Silva, Robert Bréchon, Gustav Siebermann, Erwin Theodor —, outra de história da cultura — sendo particularmente exaustivas as monografias de Pedro Hispano e de João Rodrigues Castelo Branco, Amato Lusitano — e ainda outra de filosofia — e, sob este aspecto, nota-se uma leve crispação em torno da chamada «filosofia portuguesa», com um texto decisivo de Delfim Santos a demarcar a questão.

Tal como a aparição de nomes da nossa literatura não tem nada de sistemático, os autores estrangeiros são muitas vezes escolhidos por factores circunstanciais: a comemoração de um centenário, um falecimento, a atribuição de um prémio importante, a sua ligação a Portugal: no primeiro caso cabem textos sobre Unamuno, Chateaubriand, Baudelaire, Claudel ou Shakespeare; no segundo, evocações de Luis Cernuda, Jean Cocteau, André Breton, Cecília Meireles, Manuel Bandeira, Aldous Huxley, Somerset Maugham, T. S. Eliot, Edith Stitwell; no terceiro, ensaios sobre Julien Green ou John Steinbeck; no último, Pirandello, Lord Beckford ou Aubrey Bell. Mas outros autores ou correntes literárias são também trazidos às páginas da revista: Benito Feijóo, Dámaso Alonso, Mauriac, Lévi-Strauss, Blanchot, Upton Sinclair, a «beat generation», Machado de Assis, Rainer Maria Rilke, Tolstoi, Gabriel García Márquez... O desejo de actualização em relação à literatura estrangeira é bastante sintomático na secção das «Cartas» — presente desde o primeiro número da revista — e especialmente bem concretizado no que respeita a Inglaterra (por exemplo, nos textos de Luís de Sousa Rebelo sobre a saída de *Lolita* de Nabokov ou sobre os

«*Angry Young Men*»), a França (quando Armand Guibert noticia a atribuição do prémio Nobel a Camus, ou a saída das *Memórias de Uma Menina Bem Comportada*, de Simone de Beauvoir), à Itália (tendo Giuseppe Carlo Rossi a preocupação de noticiar a publicação de edições monumentais), a Espanha (sobretudo nas Cartas assinadas por Pilar Vázquez Cuesta), à Alemanha, à Áustria e ao Brasil (na carta em que Arnaldo Saraiva traça uma vasta panorâmica da cultura brasileira em 1966). A divulgação do património literário dos países onde a revista tem correspondentes é particularmente visível nos textos oriundos da Polónia (sobre o dramaturgo Jerzy Szaniawski), da Roménia (sobre Mihail Eminescu), da Checoslováquia (sobre Karel Capek), e, no caso de comemoração de centenários ou de falecimentos, nas cartas de Itália, Inglaterra e Bélgica. O panorama dos estudos portugueses e a tradução dos nossos autores são também temas recorrentes neste género de colaborações, sobretudo nas oriundas dos E. U. A., Inglaterra, Itália, Checoslováquia e Escandinávia, não sendo nenhum dos panoramas propriamente animador. Deve ser dado um realce especial às Cartas provindas do Brasil, de Angola, Moçambique e de Goa, uma vez que à excepção do primeiro, os outros territórios faziam parte, nesta época, do Ultramar português e bem cedo na década de 60 conheceram a luta armada. Não que tal transpareça em qualquer das Cartas — mas surgiu, em 1961, um correspondente em Goa, para falar da realidade linguística nos territórios indianos e na necessidade de acabar com hábitos cruéis dos nativos não deixa de ter algo de patético! Até 1964, o correspondente em Angola, Mário António de Oliveira, aborda aspectos literários e editoriais (saudando o aparecimento e acompanhando a actividade das *Publicações Imbondeiro*, da Casa dos Estudantes do Império e de uma ou outra série etnográfica), dá conta da realização de exposições de pintura, da organização de temporadas musicais, da ida de escritores do continente, de uma visita a Angola do Presidente do Conselho de Administração da Fundação Gulbenkian. Em Moçambique, por sua vez, a vida cultural parece mais centrada na actividade teatral, donde ressalta a figura de Mário Barradas — havendo ainda referências a escritores como Rui Knopfli, Eugénio Lisboa, José Craveirinha, Alexandre Lobato ou Nuno Bermudes, ao pintor Malangatana, ao arquitecto Pancho e a uma polémica em torno de um prémio atribuído a António Quadros. Em 1967 o grupo de bailado «Verde Gaio» fazia uma *tournee*, Sequeira Costa dava recitais de piano e em 1968 realizava-se, a bordo do *Príncipe Perfeito* o 2.º Congresso das Comunidades de Cultura Portuguesa. Relativamente ao Brasil, e dado que quase metade das cartas publicadas são de autoria

de professores universitários portugueses, é natural que a maioria dos comentários se prenda com as relações luso-brasileiras, a nível da realização de congressos, de abertura de universidades (Assis e Brasília são duas delas), de comemorações e até da permanência de docentes portugueses (como Rodrigues Lapa, Agostinho da Silva ou Jorge de Sena).

«Bibliografia» é uma secção rigorosamente delimitada em todos os números da revista, tendo esta analisado em recensões críticas, notas de leitura ou simples apontamentos para cima de 620 livros. A grande maioria dessas obras (cerca de 60%) é de literatura portuguesa do século XX ou sobre ela se debruça; as obras respeitantes a outras épocas, sobre história literária e antologias não atingem os 8%, sendo que a proximidade temporal uma vez mais se manifesta no segundo maior número de livros examinados: aqueles que reportam à literatura oitocentista. Literatura brasileira, africana e alguns livros estrangeiros atingem uma percentagem de 14% — o que, somado às parcelas já referidas, dá, nesta secção, uma maioria de 82% à literatura. Livros de filosofia e de história atingem os 9%, e os de arte em Portugal e no estrangeiro 7%. Recenseados são ainda livros de viagens, de filologia e de teoria da linguagem, de pedagogia, de história da cultura, de museologia, de teoria da História, de religião, de política, de medicina e da sua história, e também de história de outras ciências. Para além da presença quase permanente dos directores da revista (sobretudo Hernâni Cidade e José-Augusto França), assinala-se a constância do trabalho de Nuno de Sampayo, a alta qualidade dos contributos de Jorge de Sena, (confinado ao nº1), António Salgado Júnior (apenas para o ano de 1959), João Gaspar Simões (1959 e 1960), Óscar Lopes (o qual, entre 59 e 62, elabora «visões de conjunto», em especial da ficção), José Marinho (sobre livros de filosofia), Maria Aliete Galhoz (com trabalho regular entre 1960 e 1962), António Ramos Rosa (que, entre 1963 e 1967, dá uma visão «canónica» da poesia portuguesa contemporânea e sua teorização), Urbano Tavares Rodrigues (sobretudo interessado em ficção contemporânea, portuguesa e estrangeira, em teatro e em livros de história), havendo que referir, em relação aos últimos anos de existência da revista, os nomes de Eduardo Prado Coelho, Maria Alzira Barahona, Gastão Cruz, Fernando J.B. Martinho, João Palma-Ferreira e Fernando Guimarães.

Como se diz no texto inicial, não sendo «propriamente um órgão» da Fundação Calouste Gulbenkian, a revista insere, não obstante, para além de muito noticiário a respeito das actividades da instituição, bastante matéria que se reporta a iniciativas da

casa, fundamentalmente nos campos das artes plásticas, da música e do ballet, e, sobretudo, à colecção de arte do Fundador. Há, assim, comentários alargados a iniciativas próprias: exposições — em 1961, sobre arquitectura colonial ibero-americana e 2ª Exposição de Artes Plásticas organizada pela Fundação, em 1962, a exposição de Arte Britânica do Século XX, em 1965, as exposições «Um Século de Pintura Francesa» e a dos ouros do Peru, em 1966, exposição de homenagem a Bernardo Marques, a de Arte Contemporânea Italiana, a da arte dos Índios do Brasil, em 1968, exposição de artistas portugueses em Paris, em 1969, a de Aquisições recentes, e depois de inaugurada a Sede, a exposição de bronzes italianos e a grande exposição de Vieira da Silva; música — com críticas muito alargadas aos Festivais Gulbenkian, do II ao XIV, referências ao estudo e edição de partituras portuguesas antigas (colecção Portugaliae Musica), à inventariação e catalogação de livros antigos de música, à edição de discos, à realização de exposições, à encomenda de partituras a compositores contemporâneos portugueses e estrangeiros e às suas primeiras audições, acompanhamento da criação de orquestra, coro e grupo de bailado próprios); e a apoios dados em diversos domínios culturais e sob diversas formas: doação de obras de arte, concessão de subsídios para organização de exposições, de temporadas musicais, de ballet e de teatro, para a inventariação patrimonial, para atribuição de prémios literários e concessão de bolsas de estudo tanto a artistas plásticos como a intérpretes musicais.

Antes da inauguração das suas instalações, a Fundação foi apresentando a colecção de arte reunida por Calouste Gulbenkian em diversos locais: primeiro, em Paris, em 1960, 38 obras-primas de pintura; depois, em 1963-64, a colecção de Arte Oriental, no Museu Nacional de Arte Antiga, publicando a revista nessa altura importantes artigos sobre o acervo: «Arte do Oriente Islâmico», por Maria Teresa Gomes Ferreira, «Arte do Livro Persa e Turco» e «Vidros e Cerâmicas do Oriente Islâmico», por Maria Manuela Soares de Oliveira e «Tapetes e Tapeçarias da Pérsia e da Turquia», por Maria Helena Maia e Melo; finalmente no Palácio Pombal, em 1965, prosseguindo nas páginas da *Colóquio* a sua descrição: no n.º 40, de Outubro de 1966, Maria Teresa Gomes Ferreira dá uma visão sumária da colecção Gulbenkian, Edward Stanley Gotch Robinson lembra «Calouste Gulbenkian como Coleccionador de Moedas Gregas», no n.º 43, de 1967, Manuel Rio Carvalho descreve algumas jóias de Lalique, tendo já Glória Guerreiro dado a conhecer as tapeçarias da Colecção. A reprodução de um pormenor de uma delas, «A Pesca», segundo cartões atribuídos a

Giulio Romano, veio precisamente a servir de capa ao n.º 56 da *Colóquio*, integralmente dedicado à inauguração da sede, na avenida de Berna.